



O BUDISMO BRASILEIRO RETRATADO PELAS CARTAS DOS LEITORES DO NOTÍCIAS POPULARES (1977-1980)

Leonardo Henrique Luiz¹

Vanda Fortuna Serafim²

Resumo: O artigo objetiva apresentar como ao longo das décadas de 1970 e 1980 o budismo foi apropriado por indivíduos pertencentes às camadas médias e baixas brasileiras. O recorte histórico refere-se aos anos de 1977 a 1980, quando esses indivíduos escreveram cartas como forma de solicitar esclarecimentos a Eduardo Basto de Albuquerque, monge e historiador que publicava semanalmente a coluna Budismo no jornal Notícias Populares. A presença de uma religião como o budismo em tal jornal possibilitou a interação dos leitores com elementos do Zen budismo levando à elaboração de novas indagações e relações com os elementos dessa crença. Do ponto de vista metodológico, as missivas são analisadas como possibilidade de investigação do privado e da vida dos homens comuns (GOMES, 2004), enquanto teoricamente utilizamos o conceito de capital religioso (BOURDIEU, 2005) para discutir a posição de autoridade na lide com o sagrado desempenhada por Albuquerque. Espera-se demonstrar que por meio da análise das cartas é possível perceber interesses ainda não discutidos pela historiografia em relação ao budismo, principalmente, para a presença do Zen budismo entre setores de classe média baixa que liam o Notícias Populares e escreveram realizando conexões a partir de seus repertórios religiosos, isto é, sugere-se a hipótese de que a construção de um budismo brasileiro pode ser mais profunda do que se tem apontado pela historiografia.

Palavras-chave: Zen budismo. Cartas. Budismo no Brasil.





BRAZILIAN BUDDHISM PORTRAYED BY LETTERS FROM NOTÍCIAS POPULARES READERS (1977-1980)

Leonardo Henrique Luiz

Vanda Fortuna Serafim

Abstract: This article aims to present how Buddhism was appropriated by individuals belonging to Brazilian middle and lower classes throughout the 1970s and 1980s. The historical section refers to the years from 1977 to 1980 when these individuals wrote letters as a way to request clarification from Eduardo Basto de Albuquerque, a monk and historian who published the Budismo Column in the weekly newspaper Notícias Populares. The presence of a religion such as Buddhism in such a newspaper made it possible for readers to interact with elements of Zen Buddhism, leading to the elaboration of new issues and relationships with the elements of this belief. From the methodological perspective, the letters are analyzed as a possibility of investigating the private and lives of ordinary men (GOMES, 2004), while theoretically we approach the concept of religious capital (BOURDIEU, 2005) to discuss the position of authority in dealing with the sacred performed by Albuquerque. We expect to demonstrate here that through the analysis of letters it is possible to perceive interests not yet discussed by historiography in relation to Buddhism, mainly regarding the presence of Zen Buddhism among lower middle class sectors that read Notícias Populares and wrote making connections based on their religious repertoires, that is, we suggest a hypothesis that the construction of a Brazilian Buddhism may be more profound than historiography has pointed out.

Keywords: Zen Buddhism. Letters. Buddhism in Brazil.



Introdução

O Zen budismo é uma religião que no Brasil possui contornos históricos marcados por práticas de imigrantes japoneses, mas que também foram ressignificadas por grupos específicos de brasileiros interessados em aspectos seletivos da religião. Essa ressignificação foi realizada primeiro por intelectuais visando atribuir centralidade para os aspectos do Zen budismo ligados à meditação (*zazen*), sendo que o budismo em si era considerado como um elemento distintivo e moderno (ROCHA, 2016). Esse movimento não aconteceu apenas no Brasil, pois é tanto uma dinâmica de reconstrução do budismo no Japão quanto um processo ocidentalizante (BAUMANN, 2001; ROCHA, 2014). Nesse sentido, ao analisarmos o budismo no Brasil o recorte privilegiado é o budismo japonês cujas explicações estabelecidas pela produção acadêmica brasileira são marcadas a partir de visões quantitativas ou qualitativas.

Sobre a perspectiva quantitativa, no artigo *Declínio do budismo “amarelo” no Brasil*, Frank Usarski (2008) argumenta que embora reportagens em revistas tenham alardeado para o *boom* do budismo no Brasil, os dados estatísticos do IBGE de 2000 revelam uma queda no número de budistas (USARSKI, 2008). O autor aponta também que a situação vivida nos templos tradicionais, formados pela comunidade japonesa, é de amplo declínio. Mesmo instituições mais conhecidos, como o Busshinji³ de São Paulo, enfrentam dificuldades, pois “De acordo com uma autoridade local, somente cerca de trinta pessoas, a maioria brasileiros sem ascendência japonesa, frequentam regularmente as reuniões da instituição.” (USARSKI, 2008, p. 138). Para Usarski, essa situação do budismo praticado por *nikkeis*⁴ tem relação direta com o processo de envelhecimento e morte dos praticantes de primeira geração (*issei*) e da dificuldade em manter o budismo no seio familiar.

Além disso, as próprias instituições budistas não têm conseguido sustentar monges em todos os templos, sendo comum um mesmo monge ter que se deslocar entre diversas cidades para o atendimento. De acordo com o autor, esse declínio do budismo *nikkei* não é compensando por um aumen-



to entre brasileiros, na medida em que

Uma comparação com os últimos censos nacionais também nega difundida idéia de que o budismo é uma religião em constante crescimento. O oposto é verdadeiro, especialmente quando se descarta uma relativa distinção entre o budismo étnico e o budismo dos convertidos e se leva em conta a **dinâmica negativa do campo budista em geral entre 1991 (236.408) e 2000 (214.873)**. (USARSKI, 2008, p. 137 – grifos nossos).

Esse não é o primeiro trabalho em que Usarski argumenta acerca do “pequeno” impacto das instituições do budismo de imigração (japonês) no Brasil. Também no capítulo de abertura do livro *Budismo no Brasil* (2002) o autor defende que “Pelo alto grau de especificidade cultural das suas doutrinas, suas práticas e das suas formas, nem o Budismo japonês, que é estatística e institucionalmente forte no Brasil, tem conseguido atrair um número notável de adeptos não-descendentes de japoneses.” (USARSKI, 2002, p. 15). Essa posição foi problematizada por outros autores, entre os quais, Ricardo Mário Gonçalves que ressalta:

[...] devo dizer que os dados estatísticos não refletem necessariamente o real impacto do budismo sobre a sociedade brasileira. A maior parte das organizações budistas abre suas portas para os interessados em ouvir palestras, freqüentar cursos ou participar de retiros de meditação sem exigir adesão formal dos mesmos ao budismo. Muitas pessoas têm tido suas vidas influenciadas ou transformadas pelo budismo sem necessariamente terem sentido necessidade de se converter ao mesmo. (GONÇALVES, 2005, p. 9).

Em paralelo com essas perspectivas, aparentemente contraditórias, autores como Eduardo Basto de Albuquerque (2002) e Cristina Rocha (2016) têm apontado para o referido processo de aproximação dos intelectuais e membros das classes médias altas com o budismo. De forma específica, Rocha (2016, p. 16) argumenta que “Em contraste [com o Zen budismo], outras escolas budistas japonesas têm ficado restritas, até recentemente, à comunidade japonesa e nipo-brasileira enquanto outras tradições budistas não têm sido historicamente tão relevantes na ‘alta’ cultura urbana brasileira.”. Nesse sentido, a autora defende que o Zen budismo foi



identificado como um símbolo da modernidade e que serviu como meio de distinção social, por isso o interesse das elites brasileiras se deu primeiro entre os intelectuais até 1990 e depois com as classes médias e altas.

Tendo em vista esse cenário, buscamos discutir novas fontes que problematizem e deem um fôlego renovado para os estudos do budismo no Brasil. Como podemos perceber pela dualidade na argumentação estatística de Usarski referente ao declínio dos praticantes budistas e pela problematização, digamos, qualitativa de Gonçalves de que nem todos que praticam o budismo se tornam fiéis autodeclarados, defendemos uma visão que abranja ambas possibilidades. Isto é, embora seja possível afirmar que há um declínio dos praticantes budistas entre os meios *nikkeis*, principalmente com o fenômeno de envelhecimento e morte dos praticantes das primeiras gerações, também é preciso dizer que as práticas budistas não se restringem ao processo de se tornar fiel no sentido tradicional.

Além disso, embora, tenha existido a tendência acadêmica de dar destaque para os interesses dos intelectuais e da classe média alta no Zen budismo, como em Rocha (2016), conjecturamos que a história do Zen budismo no Brasil pode ter contornos mais surpreendentes. Esses contornos se deram a partir da aproximação de indivíduos não pertencentes aos grupos intelectuais ou de classe média alta pelo budismo já na década de 1970 e 1980, para demonstrar isso dispomos de fontes inéditas que apresentam interesses não-intelectualizados. Tratam-se de cartas que foram enviadas entre os anos de 1976 a 1980 endereçadas ao monge e historiador Eduardo Basto de Albuquerque, essas cartas foram escritas por indivíduos de várias partes do Brasil e constituem em importantes materiais que revelam as apropriações do budismo feitas por pessoas cujos interesses não estavam em sintonia com os dos intelectuais.

Eduardo Basto de Albuquerque foi um praticante Zen budista e, também, um importante historiador brasileiro. Pesquisador do fenômeno religioso, principalmente do budismo no Brasil, Albuquerque atuou como docente na área de História em diversas instituições de ensino superior. Durante a realização de seu doutorado, na Universidade de São Paulo, intitulado *O Ir-*



mão e o Mestre – Contribuição ao estudo da pobreza cristã e budista no século XIII: o Irmão Francisco de Assis e o Mestre Zen Budista Doguen (ALBUQUERQUE, 1983), Albuquerque publicou entre 1976 e 1980 a coluna *Budismo* no jornal *Notícias Populares* contendo diversos textos budistas nos quais se apresentava como monge Zen budista.

Embora as colunas no jornal em si não sejam o foco de análise do presente artigo, é importante apontar que o *Notícias Populares* circulou entre 1963 a 2001. Durante grande parte de sua existência, buscou realizar publicações que causassem impacto pelas manchetes contendo notícias de crimes e sexo, além da tentativa de atrair públicos marginalizados pelos principais jornais do país. Para isso empregou diversas estratégias, entre as quais, destacamos o papel do sobrenatural nas colunas que compunham o jornal, pois

Além de manter *best-sellers* como os espíritas Chico Xavier (o maior médium do Brasil sempre dizia que o *NP* era seu jornal favorito) e Moacyr Jorge, o jornal abriu seu leque religioso. Passou a incorporar colunas como “Budismo”, “Seicho-no-iê” e “Nos Terreiros de Umbanda”, além de continuar reservando seções para católicos e evangélicos. O horóscopo era feito pelo próprio Moacyr Jorge, sob o pseudônimo Shiron Kayen. (CAMPOS; MOREIRA; LEPIANI; LIMA, 2002, p. 138)

De acordo com Danilo Sobrinho Angrimani (1995) essas formas de atuação do jornal tiveram sucesso significativo entre a classe média-baixa. Por meio de entrevistas com José Luiz Proença, secretário de Planejamento do *Notícias Populares* atuante entre 1974 a 1992, o autor foi informado que o público-alvo do jornal eram as classes C, D e B (ANGRIMANI, 1995).

Além disso, ao entrevistar os leitores do jornal muitos ressaltavam a facilidade encontrada para entender os conteúdos. De acordo com Angrimani

A maioria dos entrevistados, ao ser questionada se “Notícias Populares” é um jornal de leitura acessível ou complicada, responde imediatamente que “é muito fácil de ler”, “dá para ler sem problemas”, “a gente lê na hora”, “dá para ler depressa e emprestar para os outros”, “não precisa ler muito para entender. Em quatro, cinco linhas, já dá para saber tudo”. (ANGRIMANI, 1995, p. 110).



Dessa forma, os leitores/autores que escrevem as cartas para Albuquerque foram pertencentes a setores específicos da sociedade brasileira, a partir desses lugares é que o budismo presente no foi lido e interpretado. Ao escreverem para Albuquerque, esses indivíduos se distanciaram dos interesses intelectuais e, dentre outros elementos, interpretaram que o budismo proporcionaria benefícios no cotidiano de suas vidas.

Outros budismos

Poucos trabalhos sobre o budismo no Brasil se preocuparam em analisar a presença da religião entre o público não *nikkei* e que não apresenta interesse nos aspectos intelectuais, isto é, nas pessoas que buscam soluções mais imediatas para seus problemas, pertencem às classes médias baixas e que não possuem descendência japonesa. Uma das exceções pode ser indicada no trabalho de Rafael Shoji (2006) sobre o budismo Shingon⁵ na cidade de Suzano, na qual os fiéis buscam resolver seus problemas pelo recebimento do “passe” (SHOJI, 2006, p. 38). Para o autor, existe um “*continuum*” japonês com as religiões mediúnicas presentes no Brasil, principalmente, o espiritismo e as religiões afro-brasileiras, pois no Japão, o budismo Shingon foi marcado por rituais que contam com a intercessão do mundo espiritual na vida diária. Nas palavras de Shoji (2006, p. 51)

Nesse sentido, muitos frequentadores buscam no templo da Koyasan algo muito semelhante a um centro de Umbanda, principalmente organizacionalmente e ritualmente. Esse é um padrão que vale para a maioria dos adeptos da Koyasan Shingon: além de uma aproximação conceitual real das religiões brasileiras e japonesas, vale lembrar que as combinações sincréticas são facilitadas pelo uso do que é combinado, dada a orientação a resultados. (SHOJI, 2006, p. 51)

Além do Shingon, esse “budismo de resultado” (SHOJI, 2006, p. 48), foi apontado pela produção acadêmica em relação ao budismo Nichiren⁶, particularmente, nas instituições da Honmon-butsuryū-shū e Soka Gakkai, mas conjecturamos que ele também teve conexões com o Zen budismo.

Embora o próprio Albuquerque (2002) considere que a meditação é o



elemento fundamental que reúne os praticantes em torno do Zen budismo, as cartas recebidas por ele indicam que os interesses eram mais diversos e se relacionavam com a vida diária. A análise dessas cartas também tem uma importância significativa por inserir os estudos sobre o budismo no Brasil dentro do campo da recepção, principalmente, no que concerne às maneiras com que os indivíduos não pertencentes ao grupo de intelectuais se relacionam com as crenças budistas. No total, coletamos 139 cartas⁷ que foram enviadas entre os anos de 1977 a 1980⁸.

Como tais fontes possuem aspectos particulares, em cada carta nosso roteiro de análise teve que se adequar, mas adotamos critérios examinados em todas as missivas: 1) a identificação geral, no que diz respeito a procedência (estado) e a materialidade da escrita (se escrita a mão ou não); 2) o tema abordado na carta, que pode ser desde uma dúvida sobre algum aspecto específico do budismo, uma solicitação de informações, um pedido de conselho, ou um clamor por intercessão de caráter material ou espiritual; 3) se existiram referências a outras religiões nas cartas; 4) identificar os aspectos socioeconômicos dos indivíduos, principalmente, se a pessoa pede algum tipo de ajuda material, mas também se ela se identifica como profissional de alguma área e também se é possível saber o gênero do autor/autora; 5) os motivos da escrita; 6) outras informações adicionais.

Como os limites do presente trabalho impedem uma averiguação de todo esse conjunto de fontes, escolhemos privilegiar 23 cartas em que existiram pedidos de ajuda material ou espiritual de forma direta. Conforme detalhado nas análises a seguir, as missivas possuem questões individuais que, partindo das considerações metodológicas apontadas por Angela de Castro Gomes (2004), abrem espaço para a investigação do privado e da vida dos homens comuns.

Adotamos essa perspectiva considerando as cartas como uma escrita de si, sendo que “[...] o ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outros, bem como de escrever cartas, seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno.” (GOMES, 2004, p.11), isto é, escrever para alguém é uma forma



de individualizar as próprias questões dos autores. Essa necessidade de registrar suas individualidades e experiências são importantes elementos que nos permitem averiguar, por exemplo, o repertório religioso dos que se interessaram pelo budismo.

Também precisamos ter em vista que o texto presente nas missivas foi uma forma dos autores materializarem suas individualidades por meio de interpretações particulares do budismo. Além disso, ao escrever as cartas esses autores estão realizando as funções de editor, ou seja, o “[...] trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se, através dele, um autor e uma narrativa.” (GOMES, 2004, p. 16). Como as cartas enviadas a Albuquerque contam com diversas informações pessoais, devemos ter em vista o estabelecimento de relações de intimidade entre autor e receptor, pois

[...] a correspondência tem um destinatário específico com quem se vai estabelecer relações. Ela implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê – sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo. Escrever cartas é assim “dar-se a ver”, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo “visto” pelo remetente, o que permite um *tête-à-tête*, uma forma de presença (física, inclusive) muito especial. (GOMES, 2004, p. 19)

Entretanto, no caso em análise a intimidade foi estabelecida a partir da possível leitura constante dos textos presentes no jornal. Ao ler semanalmente a coluna publicada por Albuquerque, muitos leitores/autores podem ter estabelecidos vínculos afetivos que não necessariamente foram recíprocos. Nesse sentido, embora Gomes argumente que esse jogo interativo das cartas “[...] é, com frequência, um espaço que acumula temas e informações, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização.” (GOMES, 2004, p. 21) defendemos que existe uma hierarquia presente: Albuquerque é visto por grande parte dos seus correspondentes como uma autoridade possuidora de capital religioso, mas, como será demonstrado, isso não significou o abandono do discurso sem formalidades, descontraído e íntimo.

O conceito de capital religioso formulado por Pierre Bourdieu (1989;



2005) é particularmente importante para entendermos o processo de legitimação da crença publicada no jornal por Albuquerque. De acordo com Bourdieu, a religião enquanto conjunto de práticas e ideias a respeito do sagrado é um sistema simbólico alvo de diferentes enunciações por parte dos leigos, sacerdotes, profetas e feiticeiros. No nosso caso importa pensar a figura do sacerdote como agente da religião estabelecida que traduz os ensinamentos para os leigos. Nesse sentido, ao se apresentar como monge budista Albuquerque legitimou seus textos no pertencimento as instituições do Zen budismo.

As cartas, enquanto documentos dispersos e fragmentados, foram serializadas e ordenadas de maneira temática respeitando também a cronologia. Conforme sugerido, um aspecto importante dessa documentação se refere à variedade dos seus escritores, por isso formulamos 2 grupos a partir dos quais é possível diferenciar os interesses por parte do público: 1) pessoas que tiveram um interesse “orientalista” em relação ao budismo; 2) indivíduos que nunca tiveram contatos com o budismo. Apesar de estarmos falando de grupos, isso não significa uma homogeneidade, por exemplo em suas relações socioeconômicas, na medida em que essa separação da qual utilizamos é em relação ao tipo de contato e visão que se teve do budismo.

No primeiro grupo podemos incluir indivíduos pertencentes as classes médias que liam o *Notícias Populares* em busca do “diferente” presente no jornal. Ao encontrar a coluna de Albuquerque esses indivíduos eram atraídos por uma série de elementos, que aqui chamamos de “orientalistas” empregando o sentido definido por Edward Said (1990). Dentro da discussão de Said, o orientalismo é entendido como um discurso formulado pelo Ocidente para definir o Oriente, nesse âmbito o que nos interessa é a visão exótica em relação ao Oriente, isto é,

[...] desde meados do século XVIII houvera dois principais elementos na relação entre o Leste e o Oeste. Um era o crescente conhecimento sistemático na Europa sobre o Oriente, conhecimento reforçado pelo encontro colonial, assim como pelo **interesse disseminado a respeito do estranho e do incommum, explorado pelas ciências em desenvolvimento da etno-**



logia, anatomia comparada, filologia e história; e, mais, a esse conhecimento foi acrescentado um considerável corpo de literatura produzida por romancistas, poetas, tradutores e viajantes talentosos. O outro aspecto das relações orientais-européias era que a Europa estava sempre em uma posição de força, para não dizer domínio. (SAID, 1990, p. 50 – grifos nossos).

A partir dessa perspectiva, e entendendo o Ocidente como “um sistema de representação” (HALL, 2016, p. 316) que se sustenta com um conjunto de imagens para se diferenciar do “outro”, defendemos que as crenças e ideias religiosas relacionadas ao budismo também foram alvos desse olhar exótico. Ou seja, que a partir de um interesse científico europeu (principalmente em relação às disciplinas da filologia e história), como destacado no texto de Said, buscou estudar esse estranho, no caso as religiões orientais, sob a perspectiva de um desvendar valores que se conectassem com a modernidade e para além do cristianismo.

Nesse mesmo sentido, ao discutir sobre a questão das correntes culturais, Mircea Eliade (1979, p. 12) identifica os “modismos” presentes na França da década de 1960, entre os quais se destacou a revista *Planète*. A revista foi criada por Louis Pauwels e Jacques Bergier e teve a mesma perspectiva do livro *O Despertar dos Mágicos* desses autores, isto é,

[...] uma mistura curiosa de ciência popular, ocultismo, astrologia, ficção científica e técnicas espirituais. Mas não é só isso. O livro tem pretensões de revelar inúmeros segredos vitais – de nosso universo, da Segunda Guerra Mundial, de civilizações perdidas, da obsessão de Hitler pela astrologia e outros tópicos dentro da mesma linha. (ELIADE, 1979, p. 15).

Para seus leitores, *Planète* representou um otimismo no pós-guerra que deu, por intermédio da linguagem mística, uma esperança ao homem (sem abandonar a ciência). Nas palavras de Eliade,

[...] o que era novo e estimulante para o leitor francês era a visão otimista e integral que conjugava ciência com esoterismo e apresentava um cosmos vivo, fascinante e misterioso, no qual a vida humana tinha sentido e prometia uma perfeição eterna. O homem não estava mais condenado a uma condition humaine sombria; em vez disso, ele era cha-



mado a conquistar seu universo físico e a desvendar os outros, os enigmáticos universos revelados pelos ocultistas e gnósticos. Mas, diferentemente das escolas e movimentos gnósticos e esotéricos anteriores, Planète não desprezou os problemas sociais e políticos do mundo contemporâneo. Resumindo, a revista difundia uma ciência redentora: uma informação científica que era, ao mesmo tempo soteriológica. O homem não estava mais alienado e inútil num mundo absurdo para o qual ele havia vindo por acidente e em vão. (ELIADE, 1979, p. 16).

Dessa forma, a revista visava um público interessado nesse oculto como ponto de apoio para formular uma base crítica ao Ocidente, o oculto era encontrado no “puro” Oriente, na medida em que esse ainda não teria sido maculado pelos vícios da modernidade e seria mais antigo que o cristianismo. Para Eliade, tal busca estava também em conexão com os movimentos de contracultura, principalmente, em suas tentativas de ir além dos valores estabelecidos pelas gerações dos pais e avós e descobrir um novo mundo de possibilidades.

O interesse pelo oculto existente no Oriente está em sintonia com a análise de Rocha (2016) sobre a difusão do budismo no Ocidente que, de acordo com a autora, teve importantes expansões na década de 1960 com a contracultura e posteriormente no desenvolvimento dos movimentos da Nova Era (ROCHA, 2016, p. 154). Um exemplo do referido grupo que se interessou pelo budismo por causa do oculto, está na carta de 28 de janeiro de 1977:

São Paulo 28 de Janeiro 1977

Caro sr: Eduardo.

Sendo leitora assidua de notícias Populares, me interessei muito, pela sua coluna sobre Budismo.

O meu problema é o seguinte sr: é que já uns quatro anos eu venho lendo os livros do autor Lobsang Rampa, e me interessei pelo assunto, pois pelo que eu sei ele é um monge ou foi, e o que me intriga mais, é saber, se o que ele escreve, são coisas Reais ou não, e eu gostaria que o sr: me orientasse um pouco, porque como diz o sr: Rampa, nos podemos fazer viagens astrais, ele fala muito em Karma e também que podemos desenvolver mais a nossa mente através da meditação, e também despertar o nosso Kundalini com a orientação de gurus especializados, sem os quais seria um tanto perigoso, e eu queria saber se tudo isso não seria cultos místicos, ou pseu-



do-religião, e se com um bom preparo mental poderíamos mesmo obter revelações divinas.

Sabe sr: Eduardo, existe aqui em São Paulo algum lugar onde a gente poderia conhecer o Budismo mais profundamente entender melhor do assunto, ou mesmo praticar alguma coisa a respeito.

O Sr: poderia me dar uma orientação mais precisa, por carta, por telefone ou como o sr: achar melhor.

Se o Sr: quizer ou puder me telefonar, eu chego em casa sempre as 7 horas da noite pois trabalho fora e o meu telefone é xxx-xx-xx, "J."

Sem mais despeço-me, aguardando uma resposta sua.

Por favor não me deixe sem uma resp:

Desde já agradeço

Uma amiga J. (J., 1977)

Como podemos perceber, embora a informação sobre “trabalhar fora” seja valiosa, não é possível afirmar sobre o pertencimento socioeconômico da autora, mas são notáveis uma série de elementos que estão presentes na descrição desse primeiro grupo. Ela se descreve como leitora assídua do *Notícias Populares* e demonstra ter um grande interesse em assuntos orientalistas em conexão com o oculto, pois o autor mencionado, Lobsang Rampa, ficou conhecido por seus escritos que revelariam segredos a partir do budismo. Lobsang Rampa foi um estadunidense que ganhou notoriedade com o livro *A terceira visão* (1956) no qual narra suas vivências no Tibete em que teria passado por diversos rituais secretos que lhe permitiram superar os limites do corpo físico, realizar projeções astrais e desenvolver a terceira visão (proporcionando enxergar a aura das pessoas). Todo esse repertório ocultista parece ser o principal interesse da autora da carta em relação ao budismo e, ao reconhecer em Albuquerque uma autoridade budista (ou “guru especializado”), ela buscava a confirmação do que já era conhecido por meio dos livros. Tal interesse não é apenas como forma de mera curiosidade para saber se o que ela leu era verdade ou não, pois a autora da carta quer saber se em São Paulo existe algum lugar onde se possa praticar e, possivelmente, desenvolver tais poderes sobrenaturais.

Os limites da documentação não permite inferir se ela teria se tornado Zen budista e frequentado o templo Busshinji, que não pratica a meditação buscando desenvolver poderes sobrenaturais, mas é factível dizer que atra-



vés das leituras do jornal alguns elementos do Zen budismo foram incorporados ao seu repertório religioso e em sua maneira de lidar com a vida. Sendo significativo perceber como essas crenças e ideias religiosas circularam no Brasil na década de 1970 e, conforme demonstraremos pela análise do segundo grupo de indivíduos que enviaram as missivas, os elementos das crenças budistas também estiveram presentes na classe média baixa.

Esse segundo grupo dos que escreveram cartas para Albuquerque foi constituído por indivíduos que tiveram seus primeiros contatos com a religião a partir das próprias colunas do *Notícias Populares*. Ao descobrirem sobre essa crença essas pessoas despertaram interesses que iam além das questões meditativas e intelectualizadas, ao fazerem isso, eles relacionavam seus repertórios religiosos particulares com os novos conhecimentos sobre o budismo. Isso pode ser percebido, por exemplo, na carta de 05 de janeiro de 1977:

Suzano 5 do 1 77

Senhor Eduardo venho por meio destas pocas linhas cheias de erros e a mau caligrafia mais eu acho que o senhor não vai inguinara pois por ter comitido um grande mal ao semelhante em ligítima defeza e hoje mim encontro atraz das grade sendo um umilde prisidiario pois por gosta ~~tu~~ de ler todas as noticias que vem no jônmal chegou ao meu conhecido estas sua religião budista então eu queria ter um prazer de ler um grande livro de oração bundista por não ter codicção de compra tive audacia de escrever pidido umildimente um livro do senhor e espero ser atendido como o senhor tem o coração generozo fico esperando este presente aseite um aperto de mão nada mais

Atensizamente **[Ininteligível]** escrevo

J. S. S. (J.S.S., 1977)

Diversos elementos distanciam o autor dessa carta em comparação com a anterior. Em primeiro lugar, sua condição socioeconômica parece ser mais clara, embora ao se descrever como um presidiário que cometeu um crime em legítima defesa não seja possível afirmar exatamente o pertencimento a uma camada social específica. O pedido de um "livro de oração budista", por não ter condição de comprar, é um indício valioso do provável não pertencimento aos grupos de classe média e alta interessados



na meditação. Não podemos deixar de apontar para a linguagem simples contendo erros gramaticais e de concordância verbal, indicamos isso não no sentido de desrespeitar o autor, mas de levantar indícios relativos ao grau de escolaridade, círculos sociais e para as próprias condições de produção da carta. Conforme Giselle Martins Venancio "Estas não são denunciadas apenas pelo tipo de letra ou pela tinta utilizada, mas também pelo suporte usado, pela qualidade do papel, pela formatação e pelas imagens, desenhos ou gravuras porventura presentes." (VENANCIO, 2004, p. 120)

Em segundo lugar, apesar de seu interesse aparentemente ser por um produto representativo dos intelectuais, um livro, o pedido feito é mais específico: o autor da missiva deseja um livro de orações budistas. Possivelmente a partir de um conhecimento cristão, o autor visa algo parecido com a Bíblia que atenda ao duplo significado de proporcionar o conhecimento a respeito da história budista ao mesmo tempo buscar conforto emocional para o crime cometido.

Por fim, um terceiro elemento de diferenciação dessa carta do exemplo anterior é que seu autor teve os primeiros contatos com o budismo por intermédio da coluna de Albuquerque. Isso tem importantes implicações, pois como a coluna foi semanal é possível a existência de uma leitura contínua durante algumas semanas até a escrita da carta, o que denota uma relação epistolar entre as colunas de Albuquerque e seus leitores.

É preciso apontar que essa não foi a única missiva escrita por presidiários, existiram outras três entre as quais, por exemplo, na carta de 21 de março de 1977, os autores se identificam como companheiros de cela frequentadores da "NITIRIM-SHOSHO" (C.R.D, 1977), embora não seja possível saber exatamente que escola budista seja, conjecturamos que provavelmente se tratava da Nichiren Shoshu. O objetivo da carta era pedir para Albuquerque uma imagem budista ou "suta" (sutra), pois "A gente se encontra detido aqui na cadeia e fazemos nossa reza para o Budista todas as tardes e noites rezamos antes de dormi." (C.R.D, 1977). A imagem ou o sutra seriam para ajudar nesses momentos de oração, eles insistem no pedido declarando não ter condições de adquirir "porque a situação que nos se encontra e



precaria" (C.R.D, 1977).

Um aspecto importante no conjunto selecionado de cartas para a presente análise foi a preocupação com a resolução de problemas emocionais que muitas vezes tiveram repercussão na vida material e na saúde física dessas pessoas. As cartas de 05 de janeiro de 1978 (M.R.T., 1978), 02 de fevereiro de 1978 (F.A., 1978), 28 de julho de 1977 (F.F.G., 1977), 09 de março de 1979 (C.B.E., 1979), 06 de setembro de 1979 (L.A.R., 1979) e 21 de novembro de 1979 (A.Q., 1979), foram enviadas por indivíduos que se descreveram como afetados por transtornos mentais e que necessitam de tratamento psicológico por conta da depressão, melancolia ou solidão. Pela descrição presente nas cartas é possível notar como essas questões acabaram tendo repercussão na vida dessas pessoas, principalmente na ordem material e na saúde do corpo.

Um exemplo significativo é a carta de 06 de setembro de 1979, na qual o autor afirma estar "profundamente abalado minha cabeça não funciona direito vivo amgustiado" (L.A.R., 1979) e, por conta disso, sente dores no corpo. Isso leva a um quadro em que mesmo tendo trabalhado durante toda a vida, "agora minha vontade é só de dormir" (L.A.R., 1979), esse indivíduo afirma também já ter procurado ajuda espiritual num "centro de UMBANDA" (L.A.R., 1979). Como pode ser apreendido, a busca por ajuda foi visando uma solução imediata que lhe proporcionasse conforto espiritual e resolvesse também os problemas materiais advindos desse quadro.

Por outro lado, existem aqueles que escreveram devido a problemas materiais com repercussões no espiritual/emocional. Cartas como a de 01 de setembro de 1979 (R.D., 1979), 16 de fevereiro de 1978 (M.A.N., 1978), 25 de junho de 1978 (A.C.B., 1978) e 28 de setembro de 1978 (O.C.L., 1978) estão nesse grupo. Por exemplo, o autor da carta de 01 de setembro de 1979 (R.D., 1979), descreve seus problemas com álcool e vícios sexuais que o levavam à solidão, sendo sua busca por uma orientação espiritual sobre como lidar com esses assuntos sem cair no desejo.

Também é significativo o caso de 28 de setembro de 1978 (O.C.L., 1978), em que devido aos problemas nos negócios, o autor procurou refúgio



em diversas religiões, sendo o budismo a opção ainda não tentada. Em ambos os casos, o ato de escrever, principalmente para alguém que se espera que acolha as angústias, pode ser considerado como uma forma terapêutica de lidar com os problemas, segundo Gomes (2004, p. 20) “O ato de escrever para si e para os outros atenua as angústias da solidão, desempenhando o papel de um companheiro, ao qual quem escreve se expõe, dando uma ‘prova’ de sinceridade.”. É importante salientar como a escrita da carta em si é também um ato de ousadia na qual pessoa pode ter ficado horas (ou dias) pensando/hesitando até escrever ou enviar (PIOVESAN, 2009).

Existem também cartas como as de 07 de maio de 1977 (J.C.M., 1977), 29 de junho de 1978 (S.E., 1978) e 17 de novembro de 1979 (SEM IDENTIFICAÇÃO, 1979) nas quais seus autores se descrevem como pessoas buscando um “caminho” ou um refúgio espiritual no budismo. A autora de 07 de maio de 1977 (J.C.M., 1977), escreve, pois

Eu vivo a procura que, alguma coisa espiritual me ajude, porque ultimamente surgiram alguns problemas em minha vida. Sou uma pessoa que preciso de um apoio espiritual. Sou casada tenho dois filhos, poderia não ter tantos problemas mas tenho. Hei de resolver todos com o poder de Deus. (J.C.M., 1977).

Embora muito parecidas com as que procuram amparo emocional, aqui os autores das cartas parecem não ter enfrentado os mesmos problemas em suas vidas materiais, sendo o budismo muitas vezes interpretado como parte de uma “filosofia” (S.E., 1978).

Outro conjunto de leitores buscavam uma “benção” e consequentemente a solução de conflitos, seja para resolver brigas familiares (S.C., 1977) ou conseguir emprego (D.V.C., 1979). Existiram também indivíduos buscando indicações relacionadas com a ioga, desde “que não sejam dispendiosos, pois não possuo muitos recursos” (J.B., 1977b) ou que possibilite estar “sempre com o corpo em condições de trabalhar mais de 10 horas diárias e ficar em plena condição física, sem estar cansado.” (J.B., 1977a). Outros ainda escreveram para tirar dúvidas sobre assuntos específicos que acredita-



vam ter relação com o budismo, seja sugestões do “regime macrobiótico” (R.F., 1980) ou mesmo a busca de “melhorar meus poderes” (F.F.F., 1977) por meio do budismo.

Nesse sentido, é significativo como alguns leitores veem em Albuquerque uma forma de obter conselhos que podem ou não estar necessariamente relacionados com o budismo, por exemplo, na carta de 25 de maio de 1977 diz o seguinte:

Praia grande, 25-5-1977

Sr. Eduardo

Os meus cumprimentos.

Como aqui em casa se lê diariamente o jornal “Notícias Populares” costumei ler o relato sobre Budismo que muito aprecio.

Frequento quando é possível, reuniões budistas, mas contra a autorização de meu marido. Só assisto a essas reuniões quando meu marido está ausente em S. Paulo, e não quero que ele nunca saiba, pois tem um gênio que muito nos faz sofrer a todas aqui em casa.

Gostaria que o senhor me esclarecesse o porquê de tanto sofrimento em minha vida.

Meu marido sempre teve amantes e sempre fez questão que eu soubesse. Tem vícios sexuais que sou obrigada a suportar para não apanhar ou ele me matar pois já me ameaçou várias vezes.

Alem disso ando doente: tenho uns caroços debaixo do braço e ele não quer que eu vá no médico.

Me encontro muito com Deus, e assim meu sofrimento se torna bem mais leve.

Sigo a Seicho-No-ie, mas por revistas e livros, pois não tenho liberdade para frequentar reuniões, mas mesmo assim só com a leitura desses livros meu sofrimento é menor e me sinto mais confortada.

Já tentei me separar de meu espôso e saí de casa para casa de minha mãe onde fiquei 10 dias, mas ele me foi buscar dizendo não me judiar mais. Passados 8 dias tudo voltou a ser inferno com ele. Ele não quer separação de forma alguma e não se regenera.

Ele esteve 7 anos no estrangeiro e esse tempo foi para mim um paraíso. Trabalhei muito para criar 5 filhos que eram pequenos e hoje são homens e mulheres, mas o trabalho era maravilha pois não era judiada por ninguém.

Agora eu pedia a Deus que ele voltasse para lá para o estrangeiro e que Deus o abençoasse e ele me deixasse viver sossegada com os filhos que tenho solteiros e que são muito bons.

O que o senhor acha? Pode me orientar o que devo fa-



zer?

Deus há-de o iluminar cada vês mais e também o Sr. Buda.

Aguardo uma resposta para o Posta Restante do Correio de S. V. – Código XX.XXX. Estado de São Paulo.

Sem mais os meus cumprimentos.
Fico muito agradecida pela atenção.

Sou C. A. (C.A., 1977)

Para entender as angústias trazidas pela autora da carta e as razões que levaram à escrita, temos que realizar um exercício de sensibilidade levando em conta o papel da religião e do sacerdote/monge na vida das pessoas. Pois, mesmo com sua vida correndo perigo pelas agressões do marido e pela doença, a autora não está buscando soluções instantâneas para dificuldades materiais ou espirituais. Para ela, essas são coisas que poderiam se resolver com a distância ou “regeneração” do marido, sua grande busca aparentemente é por entender “o porquê de tanto sofrimento em minha vida.” (C.A., 1977). Seu repertório religioso é amplo pois, quando possível, vai em reuniões budista, além de ter conhecimentos da Seicho-No-le⁹ da qual lê livros e revistas e “Me encontro muito com Deus, e assim meu sofrimento se torna bem mais leve.” (C.A., 1977), mas mesmo assim, busca a opinião de Albuquerque “O que o senhor acha? Pode me orientar o que devo fazer?” (C.A., 1977).

Após ler a carta, seria incoerente afirmar que sua busca é guiada pelo interesse modernista no Zen budista, isto é, na meditação ou aspectos intelectuais, o sofrimento da autora está no agora e sua busca é tanto para o fim desse sofrimento quanto para entendê-lo. E é aqui que Albuquerque foi visto como alguém que possui conhecimentos capazes de guiá-la, essa percepção não é fruto de indicações ou da intervenção de terceiros, mas sim da sua própria experiência direta e prática de leitura em relação ao budismo.



Considerações finais

Buscamos demonstrar que embora tenha existido uma ênfase no interesse de intelectuais e da classe média alta no Zen budismo por parte da produção acadêmica brasileira, é possível indicar para a circulação de ideias do budismo desde a década de 1970. Isso foi evidenciado com base nas cartas analisadas, a partir das quais defendemos que os leitores da coluna *Budismo no Notícias Populares* passaram a tecer uma série de novas relações com as ideias dessa crença.

As questões tratadas em cada carta dizem respeito a demandas individuais, mas uma análise temática como a empregada permite perceber tendências nos motivos e angústias da escrita. Nos casos selecionados para análise, os autores escreveram solicitando ajuda diretamente, seja em termos materiais ou espirituais, nessas solicitações é possível perceber tendências divididas em 2 grupos de leitores: 1) os que já tinham contatos com o budismo; 2) os que entraram em contato a partir das publicações de Albuquerque.

Um elemento marcante na escrita dessas cartas também foi a perspectiva dos leitores de que Albuquerque era um monge ou guru capaz de oferecer orientações. Essa constatação é significativa para o entendimento das práticas de leitura do budismo realizadas, pois como Albuquerque escreveu da posição de monge, suas afirmações têm contornos de verdade devido ao seu capital religioso. Entretanto, como foi conjecturado, as buscas dos leitores foram por questões de cunho mais imediato e não necessariamente conectadas com as práticas meditativas próprias do Zen budismo. Sendo inclusive significativas as diversas menções aos problemas materiais e à falta de recursos financeiros nas cartas, esses são importantes indícios de que os leitores/autores provavelmente partiam das camadas socioeconômicas baixa e média que também constituíam o principal público-alvo do *Notícias Populares*.



FONTES

- A.C.B. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 25 de jun. 1978.
- A.Q. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 21 de nov. 1979.
- C.A. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 25 de maio 1977.
- C.B.E. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 09 de mar. 1979.
- C.R.D. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 21 de mar. 1977.
- D.V.C. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 13 de fev. 1979.
- F.A. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 02 de fev. 1978.
- F.F.F. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 26 de jan. 1977.
- F.F.G. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 28 de jul. 1977.
- J. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 28 de jan. 1977.
- J.B. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 15 de mar. 1977a.
- J.B. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 08 de jun. 1977b.
- J.C.M. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 07 de maio 1977.
- J.S.S. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 05 de jan. 1977.
- L.A.R. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 06 de set. 1979.
- M.A.N. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 16 de fev. 1978.
- M.R.T. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 05 de jan. 1978.
- O.C.L. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 28 de set. 1978.
- R.D. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 01 de set. 1979.
- R.F. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 21 de jan. 1980.
- S.C. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 27 de jun. 1977.
- S.E. [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 29 de jun. 1978.
- SEM IDENTIFICAÇÃO [**Correspondência**]. Destinatário: Eduardo Basto de Albuquerque. 17 de nov. 1979.



REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ALBUQUERQUE, E. B. de. **O Irmão e o Mestre**: Contribuição ao estudo da pobreza cristã e budista no século XIII: O Irmão Francisco de Assis e o Mestre Zen Budista Dōguen. 1983. 569f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de São Paulo.
- ALBUQUERQUE, E. B. de. Intellectuals and Japanese Buddhism in Brazil. **Japanese Journal of Religious Studies**, v. 35, p. 61-79, 2008.
- ANDRÉ, Richard Gonçalves. **Religião e silêncio**: representações e práticas mortuárias entre nikkeis em Assaí por meio de túmulos (1932-1950). 2011. 250 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.
- ANGRIMANI, D. S. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.
- BAUMANN, M. Global Buddhism: Developmental Periods, Regional Histories, and a New Analytical Perspective. **Journal of Global Buddhism**, v. 2, p. 1-43, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 27-78.
- CAMPOS JR., Celso de; MOREIRA, Denis; LEPIANI, Giancarlo; LIMA, Maik Rene. **Nada mais que a verdade: a extraordinária história do jornal Notícias Populares**. São Paulo: Carrenho Editorial, 2002.
- GONÇALVES, Ricardo Mário. As flores do dharma desabrocham sob o Cruzeiro do Sul: aspectos dos vários “budismos” no Brasil. **Revista USP**, n. 67, 2005, p. 198-207.
- GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, Escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7- 24.
- ELIADE, Mircea. **Ocultismo, Bruxaria e Correntes Culturais**: Ensaio em Religiões Comparadas. Belo Horizonte: Editora Interlivros, 1979.
- HALL, Stuart. **O Ocidente e o Resto**: Discurso e Poder. *Projeto História*, n. 56, 2016, p. 314-361.
- PIOVESAN, Greyce. **Prezado Doutor, querido amigo, caro memorialista**: A sociabilidade intelectual nas cartas para Pedro Nava. 2009. 142f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- ROCHA, Cristina. A globalização do budismo. **Estudos de Religião**, v. 28, n.2, p. 59-73, 2014.
- ROCHA, Cristina. Sôtô Zenshû no Brasil: A Crioulização de Práticas Cotidianas. **Rever**, n. 2, 2011, p. 87-100.
- ROCHA, Cristina. **O Zen no Brasil**: Em busca da Modernidade Cosmopolita. Campinas: Pontes, 2016.
- SAID, E. W. **Orientalismo**: o Oriente como Invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SHOJI, Rafael. Continuum Religioso nipo-brasileiro: o caso do budismo cármico da Shingon. **Debates do NER**, n. 9, 2006, p. 37-56.
- USARSKI, Frank. O Budismo no Brasil um resumo sistemático. In: USARSKI, Fran. (Org.). **O Budismo no Brasil**. São Paulo: Lorosae, 2002, p. 9-33.
- USARSKI, Frank. Declínio do budismo “amarelo” no Brasil. **Tempo Social**, v. 20, n. 2, 2008, p. 133-153.
- VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 111-138.



NOTAS

1. Mestre em História pela Universidade Estadual de Londrina. Doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: leonardo_luiz8@hotmail.com. Currículo lattes: lattes.cnpq.br/2631768416351670
2. Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Adjunta do DHI/UEM e do PPH/UEM. E-mail: vandaserafim@gmail.com. Currículo lattes: lattes.cnpq.br/6264659053959186
3. Templo sede da missão do Zen budismo na América do Sul, localizado no bairro da Liberdade em São Paulo é considerado como um dos mais importantes, principalmente, por conta das suas atividades que envolveram os não descendentes de japoneses, para uma história do templo e suas práticas ver Rocha (2011; 2016).
4. Utilizamos o termo no presente artigo para se referir aos imigrantes e descendentes de japoneses que residem fora do Japão.
5. Escola esotérica do budismo japonês, isto é, suas práticas são marcadas pelo uso de representações simbólicas, mandalas, mudras e mantras como forma de alcançar a iluminação.
6. Denominação para se referir aos preceitos ensinados por Nichiren Daishonin no século XIII, tendo como centralidade a recitação do *Nam Myo Ho Ren Gue Kyo*. Ao longo da história diferentes correntes do budismo Nichiren surgiram, entre as quais, a própria Honmon-butshuryū-shū e Soka Gakkai.
7. As cartas fazem parte do acervo pessoal de Leila Marrach Basto de Albuquerque que gentilmente as disponibilizou para a realização da pesquisa de doutorado do autor.
8. Nos trabalhos de epistolografia a questão do "Pacto epistolar" (GOMES, 2004) entre autor e receptor das cartas é apontado como fundamental para a conservação/guarda dos segredos revelados na escrita. Por esse motivo, preferimos ocultar os nomes, endereços, telefones e demais informações que possibilitem identificar os autores das cartas nas citações.
9. Considerada uma "Nova Religião Japonesa" (ANDRÉ, 2011), isto é, como parte do grupo de religiões que teriam surgido a partir da segunda metade do século XIX no Japão cujas práticas se voltam para a solução de aspectos imediatistas. Nesse sentido, a menção a essa crença pela autora é um indício do encanto orientalista presente no jornal e em algumas das cartas dos leitores, assim como, seu interesse para solução de problemas mundanos.

